

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

“O LIMOEIRO DE DOM AURELIANO MATOS”: UM “DIÁLOGO” ENTRE CLIO, MNEMÓSINE E CHRONOS.

RESUMO: Este artigo faz parte de um campo específico da historiografia que estuda sobre história (Clio), memória (Mnemósine) e temporalidade (Chronos). A primeira parte do texto se baseia na análise das cartas pastorais do bispo Dom Aureliano Matos e procura perceber os diferentes “espaços de experiência” e “horizontes de expectativas” que ele construiu entre 1940 e 1965. A segunda parte analisa, de maneira panorâmica, a produção discursiva e não discursiva que foi produzida por memorialistas, poetas e outros artistas sobre o referido bispo (após a sua morte – 1967). A intenção é mostrar que o imaginário social que existe em torno do “Limoeiro de Dom Aureliano Matos” foi construído, em parte, pelas utopias religiosas do próprio bispo e pelas artes(manhas) dos memorialistas, poetas e outros artistas.

Palavras Chaves: Histórias, memórias e temporalidades

Nem bem se lança um livro, já temos outro no prelo... A freguesia de Nossa Senhora da Conceição, cuja marca é formada pelas iniciais C e L, coincidentemente é o berço das letras e da cultura Jaguaribana. Um lençol freático inaudito irriga esta gleba e faz brotar incessantemente rebentos para a confirmação desta vocação (PINHEIRO, 1997).

Ao fazer a Introdução do livro “*O Menino da Ilha*” o escritor Társo Pinheiro afirmou que a cidade de Limoeiro do Norte não parava de crescer, mas também, não parava de escrever. As palavras do professor/poeta, assim como de tantos(as) outros(as), alimentam o eco de uma cidade que se projeta como epicentro físico e cultural da região do Vale do Jaguaribe (CE). A intenção dele não é apenas dizer que existem vários escritores, é aproximar, através das iniciais C e L, o passado, o presente e o futuro. Ele usou as duas letras (C e L), que representam a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, para dar significado as Culturas e as Letras (C e L) dos memorialistas, dos poetas e dos outros artistas. E/ou o contrário, ele usou as culturas e as letras para dar significado a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição.

As heranças culturais (resultantes da atuação política e religiosa) ajudaram a legitimar uma série de dizeres. Mas, foram os dizeres que produziram os significados dessa herança, foram eles que desenharam e/ou redesharam, com muita imaginação poética, os “donos do testamento” e “a disposição testamentária”, foram os próprios memorialistas, poetas e outros artistas que construíram personagens, instituições, espaços e símbolos (através dos seus dizeres). Partindo dessas

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

observações de destaque, no mínimo, três possibilidades: 1) os discursos se alimentam de uma Cultura Política que começou a ser construída e vivenciada nos séculos anteriores (por seus antepassados); 2) Essa “cultura política” é uma idealização dos memorialistas, dos poetas e de outros artistas, que produziram/inventaram, através das memórias, das poesias e das artes, uma série de significados; e 3) As duas possibilidades estão corretas e se complementam.

A terceira opção é a mais completa. Existia, e de certa forma ainda existe, uma maneira de se fazer política que surgiu com as famílias de coronéis do final século XIX, essa tradição oitocentista foi apropriada e ressignificada pelos descendentes dessas mesmas famílias e por seus correligionários políticos que governaram Limoeiro do Norte até a segunda metade do século XX. Essa tradição política foi, e continua sendo, representada pelos escritores, poetas e outros artistas através de livros, quadros, músicas, etc.

Outra Cultura Política, que também teve destaque nos séculos XIX e XX, foi a cultura política católica, que atuou de maneira intensa ao lado dos “barões da cera de carnaúba” e dos comerciantes locais. As culturas políticas de Limoeiro do Norte se organizaram em torno dos partidos políticos que funcionavam através das tradições dos coronéis e da Igreja Católica, formando inclusive um partido Católico (A Liga Eleitoral Católica - LEC). Essas culturas políticas construíram, dependendo da ocasião e dos interesses, embates e alianças (em torno de um projeto maior). Em alguns momentos parecia que se tratava de uma única cultura política (Berstein, 1998) e (Berstein, 2009). Foi dentro desse contexto que os coronéis, comerciantes e religiosos de Limoeiro do Norte conseguiram “arrematar” a nova Diocese e, conseqüentemente, o Bispo Dom Aureliano Matos (D.A.M.).

“Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” nas Cartas Pastorais do bispo Dom Aureliano Matos

A Diocese de Limoeiro do Norte foi criada em 1938 e o primeiro bispo (D.A.M.) assumiu em 1940. Ao ler as cartas pastorais de Dom Aureliano (principalmente as da década de 1940) descobri que dezenas de anos antes dos livros, dos quadros, das esculturas, das arquiteturas, das músicas, dos vídeos e das comemorações, que alimentaram o imaginário de um “Limoeiro de Dom Aureliano Matos”, já existia um projeto de sociedade na cabeça do bispo, um modelo de cidade e de região, que estava associado ao seu espaço de experiência e horizonte de expectativa. Como lembra Koselleck (2004), “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

expectativas das pessoas que atuam e que sofrem”, não existe história sem “recordação” e sem “esperança”, em todas as sociedades as pessoas construíram “espaços de experiência” e “horizontes de expectativa”.

O ponto de partida dessa (re)construção é sempre um presente móvel, que muda de acordo com as necessidades e os interesses. Não existe um espaço de experiência fixo ou um horizonte de expectativa imutável, eles mudam de acordo com as pessoas e as metamorfoses da vida. Em uma mesma época, pessoas diferentes podem construir espaços de experiência e horizontes de expectativa diferentes. Assim como, em épocas diferentes, a mesma pessoa (que já não é mais a mesma) pode ressignificar o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. A pergunta que devemos fazer não é sobre a natureza da memória ou da utopia (no singular), é sobre as memórias e as utopias (no plural), por que dependem da época e das circunstâncias de quem lembra e de quem sonha. As recordações e a esperanças são invenções do/no presente. É por isso que são sempre móveis. Como observa Koselleck (2004):

“A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitidas por gerações e instituições, sempre está contida e conservada uma experiência alheia. Nesse sentido a história, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias. Algo semelhante pode se dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada a pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje; é futuro presente voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietação, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem”.

As lembranças e as expectativas, como podemos perceber, não podem ser homogeneizadas em um único modelo de interpretação do passado ou do futuro, nem podem ser individualizadas a ponto de ignorar as relações interpessoais ou as instituições. O grande desafio da pesquisa é perceber as duas coisas, a regularidade e a dispersão, as semelhanças e as diferenças, o que une e o que separa essas pessoas que produzem experiências e expectativas. Mas, independente das diferenças de pensamento e dos interesses pessoais, familiares ou institucionais, existe um ponto em comum, o discurso em torno do “prefeito” que “os céus elegeram para Limoeiro” (Dom Aureliano Matos) (PINHEIRO, 1997).

O bispo Dom Aureliano Matos defendia que a igreja era responsável por combater a crise

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

que rompeu o caminho entre as tradições do passado e os sonhos do futuro. Ele organizou o pensamento, na década de 1940, a partir desse contexto, em oposição as ideias capitalistas, laicistas e comunistas (em outras palavras: moderna/contemporânea). Segundo Koselleck (2004), a modernidade surgiu quando as expectativas passaram “a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então”. Qual foi o “espaço de experiência” que Dom Aureliano Matos construiu quando chegou na Diocese de Limoeiro do Norte em 1940? Qual foi o “horizonte de expectativa” que ele produziu? Que experiência é essa que não podia se separar da expectativa? O espaço de experiência de Dom Aureliano Matos foi construído com base na trajetória de uma igreja em estado de guerra contra a modernidade/contemporaneidade. Na sua primeira Carta Pastoral de 1940 ele dizia:

“Para quem chega no cenário do mundo, na hora presente, fica aturdido ao ver este contraste irritante, que pede uma explicação: Tanta luz e tantas trevas, tanta força e tanta fraqueza, tanto progresso e tanto atraso, tanta riqueza e tanta pobreza; tanta alegria e tanto sofrimento. Tudo sob o domínio do homem – a terra, o mar, os ares, parecendo que nunca o homem foi tão rei da criação, quanto agora. No entanto, nota-se que não é feliz. Grande desassossego o domina. O que falta então?! Falta-lhe Cristo. Enquanto se aprofunda em quase todos os conhecimentos, despreza o estudo de Cristo, em que está a solução de todos os problemas da vida presente e futura (...) Com menos conhecimentos científicos e sem o conforto trazido pelas descobertas e invenções modernas, muito mais feliz viviam, no entanto, os primeiros cristãos. É que melhormente conheciam Jesus Cristo. NELE tinham a fortaleza sem as armas, a riqueza sem o ouro, a sabedoria sem a ciência, a alegria sem o mundo” (MATOS, 1940).

A mensagem, como podemos perceber, denunciava a ciência, o progresso e a modernidade, que seriam (supostamente), o contraponto da fé cristã. A Carta Pastoral de 1940 aproximava o passado distante (época dos primeiros cristãos), com o futuro. A visão te(le)ológica de Dom Aureliano Matos se aproximava da descrição de Koselleck sobre a sociedade que antecede a modernidade.

“Esta é uma imagem fortemente simplificada, mas suficientemente clara para o problema com que nos ocupamos: as expectativas que era ou que podiam ser alimentadas, no mundo metade camponês metade artesanal aqui descrito, eram inteiramente sustentadas pelas experiências dos antepassados, que passavam a ser também as dos descendentes. Quando alguma coisa mudava, tão lenta e vagarosa era a mudança que a ruptura entre a experiência adquirida até então e a expectativa ainda por ser descoberta não chegava a romper o mundo da vida que se transmitia (...) A doutrina cristã dos últimos fins impunham limites intransponíveis ao horizonte de expectativa – ou seja, até meados do século XVII, aproximadamente -, o futuro permanecia atrelado ao passado. A revelação bíblica, gerenciada pela

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

Igreja, envolvia de tal forma a tensão entre experiência e expectativa que elas não podiam separar-se” (Koselleck, 2004).

Essa é a preocupação de Dom Aureliano Matos, ele questiona a modernidade em nome de uma idealização, ele almeja para Igreja do século XX o que ela já teve nos séculos anteriores, o poder de comandar a sociedade, de controlar o passado, o presente e o futuro; de organizar a vida das pessoas com base numa te(le)olologia religiosa, de colocar a sociedades no meio do caminho entre a gênese e o apocalipse. Na análise de Koselleck, a terminologia “profectus” foi substituída por “progressus”, o conceito de progresso só surgiu quando descobriram a possibilidade de um novo horizonte de expectativa, quando dinamitaram os espaços tradicionais da experiência, quanto tornaram possível a dúvida, o questionamento, a inovação.

O sonho de Dom Aureliano Matos era aproximar novamente os “espaço de experiência” dos “horizonte de expectativa”, era construir uma sociedade onde o futuro fosse condizente com os ideais do passado. Foi com esse intuito que ele organizou a sua estratégia (de guerra) pastoral. O primeiro campo de batalha que ele projetou (através dos documentos oficiais) foram as casas e os casarões. A carta pastoral de 1940 é dedicada à família, à criança, à juventude (sempre no singular). Ele transferiu o debate ciência x religião, que acontecia em várias partes do mundo, para o interior do estado do Ceará, para dentro da Diocese, das paróquias, das casas e das pessoas. Ele adaptou o discurso aos padres e fiéis da Diocese.

“Vem a civilização moderna e a família sofre as consequências mais tristes. Esfacela-se o lar. A esposa e mãe deixa o lar, onde tem o seu trono de rainha e passa para as avenidas, para as fábricas, para os empregos, acompanhadas, talvez, das filhas que já não encontram, em casa, atrativos nos trabalhos domésticos (...) A mulher, trabalhando fora do lar, não pode cuidar da sua missão de esposa e de mãe. E faltando ela aos deveres dessa sublime missão, a felicidade do lar não é mais possível (...) Em vão trabalharemos por um Brasil Grande, forte, unido, se não dermos a criança de hoje uma formação religiosa mais ampla e mais perfeita, com a qual possa ela, no futuro, constituir-se verdadeira atalaia na defesa das nossas tradições cristãs (MATOS, 1940)”

A Carta de Dom Aureliano não é apenas uma carta, é um manifesto/intimação contra os direitos conquistados no século XIX e no século XX, ele conhece a realidade das grandes cidades e dos países da Europa, ele sabe que as mulheres estão começando a exigir direitos, inclusive o direito de trabalhar fora de casa. Ele conhece o debate a respeito do Estado Laico e da educação nova, ele sabe que existem escolas que não são religiosos e famílias que não são cristãs. Mas, ele faz da nova Diocese o seu feudo e começa a desenhar através de palavras e de ações o seu modelo de sociedade.

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

Depois de falar sobre as mulheres e as crianças ele se dirige a juventude, a idade que chama de ingrata, o período de transição, de crise, de perigo, de rompimento entre a inocência da infância e a pureza da vida adulta, a missão da Diocese e da família seria evitar o corte, a ruptura, o desvio. O jovem aparece como uma espécie de metáfora da própria modernidade, é o símbolo da transformação, da desobediência, dos “voos incertos e sem rumo”, das encruzilhadas perigosas, das tempestades, da rebeldia. Com o intuito de evitar os caminhos proibidos, Dom Aureliano propõe uma receita: “obediência, amor ao trabalho, pureza, humildade, constância e amor a pátria”. Obediência para impedir a rebeldia, trabalho para evitar o tempo livre, pureza para reagir aos desejos do corpo, humildade para se manter manso, constância para não desanimar diante dos desafios e amor a pátria para criar um país cristão, em consonância com a Ditadura de Getúlio Dorneles Vargas. A juventude seria, como podemos perceber, a “salvação da pátria”, se não fosse engolida pelos prazeres modernos.

Na juventude, está a esperança da Pátria, nesses momentos em que tolda os seus horizontes e ameaça desmoronar-se sob o peso de crises insuperáveis. Mas, onde buscar a juventude hodierna força para manter bem viva essa chama do patriotismo, quando na escola dos cinemas impudicos, dos teatros imorais, dos livros desmoralizadores, dos jornais impios, das revistas pornográficas, só encontram o micróbio da corrupção da raça, depauperando-a e corrompendo-a! (MATOS, 1940)”

Dom Aureliano não negava a crise, ele se coloca como remédio diante dela, o seu horizonte de expectativa era uma sociedade idealizada e romantizada, onde a Igreja Católica controlava os espaços públicos e privados da população. Ele nasceu no final do século XIX (1889) e entrou no seminário no início do século XX (1906), se tornando padre e bispo no primeiro ano da Primeira Guerra Mundial (1914) e no segundo ano da Segunda (1940). Em algumas cartas a linguagem do bispo se confunde com a de um general em guerra e a região do Vale do Jaguaribe se transforma em uma espécie de campo de batalha dos exércitos da Igreja Católica. Nas duas primeiras Cartas Pastorais (1940 e 1941) ele afirma:

“A defesa deve ser na altura do ataque, o remédio na proporção do mal. Eis porque os Santos Padres, particularmente Pio XI, e o atual Pio XII, com uma visão nítida e perfeita do momento que o mundo atravessa e, medindo a gravidade do mal que se alastra, procuram organizar uma defesa eficiente, ou melhor, uma ofensiva eficaz. Apela não só para o seu clero – soldados sempre em postos avançados, mas para todas as reservas católicas; para todas as camadas sociais, desde a criança nos bancos escolares, até a velhice” (MATOS, 1940).

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

“Incumbida de difundir o reino de Cristo, a Santa Igreja faz cair, por toda parte, sementes de instituições que contribuam para o trunfo de Cristo sobre a Terra. São essas instituições as trincheiras de defesa da Fé e da Moral, e donde partem os ataques mais cerrados e eficientes contra os erros propagados pelos inimigos de Cristo e de sua Igreja. Neste trabalho gigantesco, que antes poderíamos chamar imensa batalha, pois é, uma luta que se trava, de lança em riste, enfrentando inimigos poderosos (...) Daí a difusão das Dioceses, e com estas, a dos estabelecimentos que se destinam à difusão do Reino de Cristo. Sabendo, que em um prélio tão intenso, de proporções tão vastas e duradouras, nulo seriam os seus esforços se não desse capitães adestrados, competentes e bravos para chefiar os seus exércitos de milhões de cristãos distribuídos em todos os quadrantes da terra” (MATOS, 1941).

A linguagem de Dom Aureliano Matos, no início da sua atuação, era extremamente bélica. As palavras: defesa, ataque, ofensiva, soldados, postos avançados, reservas, trincheiras, inimigos, batalha, luta, lança, capitães adestrados e exército eram usadas nas primeiras cartas pastorais que eram destinadas ao clero e a população. O vocabulário, que as vezes lembra a “Guerra Santa”, não está nos textos por acaso, ele desenhou, através de palavras, as suas estratégias de guerra, os seus possíveis ambientes de combate, os seus exércitos, os locais de treinamento dos “soldados” (seminaristas) e de educação dos “civis” (pessoas da comunidade local). O bispo colocava no papel uma trincheira que ainda nem existia fisicamente, foi ele quem convidou, ainda na década de 1940, a sociedade local, os padres, os coronéis, os comerciantes, os “barões da cera de carnaúba”, para construir essa “Fortaleza Católica” nas terras do Jaguaribe.

Nas três primeiras Cartas pastorais ele solicitou a ajuda da população para construir espaços estratégicos, como o Seminário e o Colégio Diocesano Padre Anchieta. A justificativa para construção das instituições religiosas era sempre a mesma, a luta/guerra contra os valores da modernidade.

“A principal preocupação da Igreja, é, pois, a fundação de Seminários, em todas as Dioceses, uma vez que são eles quartéis de formação dos oficiais da milícia do senhor (...) Dai o cuidado da Santa Igreja para com os que a ela se destinam, tomando-os desde a infância, como delicadas plantas, que começavam a desenvolver-se nos mimosos jardins dos lares cristãos, transplantando-os em seus vergéis, a fim de que, amparados contra as tempestades das paixões mundanas, e guardados de calor crestante das soalheiras da impiedade, possam crescer viçosas, orvalhadas pelas bênçãos dos céus, que ali caem constantemente como em perene primavera (...) Se são elas, atualmente, plantas exóticas nas capitais, nos grandes centros de intensa vida social, é que não encontraram ali um terreno propício, ao seu desenvolvimento: os cinemas livres, o despudor das modas, os jornais ímpios e os neutros, que não são menos nocivos, as revistas e panfletos imorais, a ânsia incontida do gozo e do prazer, em oposição ao espírito de mortificação, matam não só a vida espiritual presente, mas até o germe de vida espiritual futura (...) Em compensação ao que se verifica nesses grandes centros, assim transformados em

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

sorvedores da Fé e da Moral, são nos nossos sertões, abundantes as vocações, porque ali ainda se encontra inocência de vida e simplicidade de costume” (MATOS, 1941).

“As vocações diminuem na proporção em que as famílias se deixam imbuir, mais ou menos, do espírito mundano, com detrimento do espírito cristão. Quando a onda de civilização pagанизada invadir os sertões, o que já começou, quando por toda parte tiver cinema sem censura criteriosa, modas sem recato, programas de rádios organizados por pessoas inescrupulosas e, por isso, ridicularizando o que temos de mais sagrado como as nossas tradições cristãs, honradez da família, etc.; quando a jogatina, campeando livremente, começar a generalizar a ruína das famílias, o que já vai realizando em particular, quando o mau livro, a má revista penetrarem os lares sertanejos, ali mesmo começarão de escassear as vocações sacerdotais. Graças a Deus, porém, não são ainda as nossas famílias rurais a figueira estéril – de que nos fala o evangelho. Produzem regularmente frutos de vocações sacerdotais” (MATOS, 1943).

Nas três primeiras cartas pastorais o Vale do Jaguaribe aparecia como espaço estratégico na luta contra os valores modernos. Não é por acaso que ele cita o Concílio de Trento (século XVI), ele enxerga na Diocese de Limoeiro do Norte a oportunidade de colocar em prática uma espécie de “contra-reforma” contemporânea, contra os valores do capitalismo, do comunismo, do protestantismo e outras religiões.

Aos poucos ele desenha os contornos do feudo e as muralhas do castelo. Onde antes só existiam palavras e sonhos, começaram a surgir arquiteturas urbanas que se misturavam com a Antiga Câmara dos Vereadores/Cadeia Pública, com a Igreja Matriz, com o “Palácio do Bispo”, com a Escola Normal Rural de Limoeiro do Norte. Foi assim que surgiu o Seminário, o Colégio Diocesano, o Patronato, a Maternidade, a Comarca, o Tiro de Guerra, o Liceu de Artes e Ofício, a Rádio Educadora, a ponte sobre o rio Jaguaribe e a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. O bispo percebeu que a melhor estratégia para combater os valores da modernidade não era lutar totalmente contra eles, como vinha fazendo até então, era se apropriar do que eles tinham de forte, era fazer uma espécie de “antropofagia” com a modernidade.

Ao invés de destruir as possibilidades de educação e de trabalho a igreja criou a educação religiosa para homens e mulheres (separadamente) e construiu o “Liceu de Artes e Ofícios” (educação não católica e preparação para o mundo do trabalho controlados pela Diocese), ao invés de proibir a organização dos trabalhadores estimulou os Círculos Operários Cristãos, ao invés de impedir a existência de jornais, ou de rádios, legitimou os jornais cristãos e criou uma Rádio cristã. Ao invés de ignorar as vantagens do progresso, usou os principais elementos da modernidade para combater a própria modernidade. O bispo/general mudou de estratégia, o objetivo agora não era mais ignorar “a luz” do progresso, era fornecer a “luz” que eles iam buscar em outros lugares,

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

porém, de maneira controlada, com base nos critérios da Igreja Católica.

Ao longo das cartas pastorais é possível perceber que os “espaços de experiência” e os “horizontes de expectativa” do bispo Dom Aureliano Matos mudaram. Entre as três primeiras (1940-1943) e as duas últimas cartas pastorais (1965) o que era “horizonte de expectativa” se transformou, pelo menos parcialmente, em novo espaço de experiência, abrindo a possibilidade para novos horizontes. Duas décadas e meia depois (1940-1945) o bispo deixou de ser o general de guerra e se transformou, aos poucos, em um negociador. Ele reconheceu a inevitabilidade do progresso e percebeu que a atuação do Estado se tornava irreversível.

O ubertoso Vale do Jaguaribe há séculos vem desafiando a inteligência e a capacidade realizadora de nossos governos. Aí se encontrava a espera de um convênio providencial entre a terra e o homem, capaz de trazer a redenção econômica para seus milhares de habitantes. Entraria o Vale com o potencial imenso de suas riquezas naturais e humanas e o governo com a técnica e o capital (...) Chegou a hora do Vale Jaguaribano. A SUDENE com a cooperação do Governo do Estado e a Missão Francesa responderá ao desafio desse imenso e fértil Vale. E graças a esse trabalho, que será realizado de acordo com as técnicas mais modernas, poderá ele ser transformado no Eldorado do Nordeste (MATOS, 1965)”

O que Dom Aureliano perguntava, na década de 1960, não era mais como lutar contra o progresso, era como a Igreja Católica podia está junto, ajudando na construção deste Eldorado. Como a Diocese de Limoeiro do Norte podia ajudar nas questões espirituais e, ao mesmo tempo, se transformar internamente, para acompanhar as transformações da modernidade e do próprio Vaticano II. O bispo, nesse sentido, se adequava, pelo menos parcialmente, a tese de Koselleck, o seu novo “horizonte de expectativa” se distanciava do seu novo “espaço de experiência”, que agora incluía os vinte e cinco anos de atuação na Diocese de Limoeiro do Norte. Ele parecia aprender duas lições Koselleckianas, 1) que não pode “deduzir suas expectativas apenas a partir da experiência”, e 2) que “quem não baseia suas expectativas na experiência também se equivoca”. Ele fazia as duas coisas, se distanciava de suas experiências e ao mesmo tempo aprendia com elas. Essa dualidade aparece na penúltima carta pastoral:

“Por certo que esse grandioso trabalho de soerguimento econômico do Vale do Jaguaribe abrangerá de logo os setores agrícola, industrial e de serviços. Teremos assim, em breve, uma profunda transformação, não apenas na fisionomia material da região, como sobretudo da mentalidade de seus habitantes, de seus hábitos e costumes. Mudanças em consonância com o progresso econômico-social que irá sacudir todo o Vale, influenciando diretamente em todas as suas atividades (...) A transição de uma sociedade fechada e paternalista para uma sociedade aberta e pluralista irá exigir de nós uma nova orientação pastoral (...) Uma nova zona

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

jaguaribana está para surgir, graças ao prodígio da técnica e marcada por nova expressão cultural. E nesse momento histórico para o nosso Vale se torna indispensável e decisiva a presença da Igreja. Pois estas transformações porque estão passando o Nordeste e todo o país determinarão o futuro do catolicismo no Brasil (...) É indispensável que conheçam o gigantesco plano de valorização do Vale (...) Não deixemos que o soerguimento do Vale se faça com o prejuízo dos seus valores espirituais e com o arrefecimento da fé de seu povo” (MATOS, 1965).

Ao ler esta carta pastoral é possível perceber que o próprio bispo passava por um período de transição, de crise, de transformação de ideias, oscilando entre o antigo e o novo pensamento. Em alguns momentos defendia as transformações modernas, sugerindo que a Igreja acompanhasse as mudanças, em outras ocasiões, revelava o medo e a angústia com relação a desespiritualização da sociedade. Mas, ele reconhecia, por exemplo, que o seu antigo horizonte de expectativa (a sociedade sonhada) nunca se transformou totalmente em realidade (experiência vivida). Ao mesmo tempo que lamenta a mundanização do Vale, ele conclama a Igreja a aderir as transformações do Vaticano II.

“Essa renovação da pastoral encontrará certamente barreiras naqueles que desejam manter o status quo, ou não se aperceberem nessa atualização do mundo, ou por julgarem que o presente deve ser apenas uma continuação, sem mais, do passado. No entanto, essa atualização da pastoral é indispensável para o cumprimento da missão recebida do senhor. Aliás, um dos objetivos do Concílio Vaticano II é justamente atualizar a pastoral para adaptá-la aos nossos dias (...) O pastoreio será menos uma função do cajado do que a persuasão no amor, objetivando conscientizar a fé dos cristãos. Será menos a apresentação dos fulgores de nossa augusta e santa religião, de seus triunfos no passado, de suas realizações artísticas imortalizadas nas grandes basílicas e catedrais, do que um incisivo convite a participação íntima (...) se já me faltam forças para iniciar nova jornada, por novos caminhos, não me faltam simpatia e entusiasmo para acompanhar essa renovação com aplausos, rendendo graças a Deus por esse amanhecer de um dia radioso para a igreja” (MATOS, 1965b).

A última carta de Dom Aureliano Matos, escrita dois anos antes da sua morte, revela uma intensa transformação entre o bispo/general de 1940 e o bispo/negociador de 1965. É claro que existe a possibilidade de ser apenas um jogo de retórica, para se adaptar de maneira positiva ao novo contexto social. Mas, preciso levar em consideração, também, a possibilidade de mudança. Ao ler as seis cartas pastorais fiquei com uma indagação: Quais foram os Dom Aurelianos e os Limoeiros que os memorialistas, poetas e outros artistas escolheram para escrever, pintar, escupir ou desenhar?

O Limoeiro de Dom Aureliano Matos na percepção dos outros

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

Ao pensar sobre as representações em torno do bispo Dom Aureliano Matos lembrei do simbolismo que existe no ato de nomeação de uma Faculdade de Educação ou de uma Avenida com o nome de autoridades políticas e/ou religiosas. A Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (1968), situa-se na transição entre os tempos/espços dos “narradores” (dos construtores dos dizeres) e os tempos/espços do que é narrado (período de atuação do bispo). A FAFIDAM é um símbolo do que Antônio Nunes Malveira (1998) chamou de “Limoeiro de Dom Aureliano Matos”, já que foi ele quem reivindicou essa instituição ao então Governador Cel. Virgílio Távora (que sancionou a lei em 1966). Mas, ao mesmo tempo ela simboliza o Limoeiro que não é mais de Dom Aureliano Matos, já que o bispo estava morto quando a aula inaugural aconteceu (1968). A FAFIDAM, nesse sentido, representa (pelo menos metaforicamente), a presença de um “morto-vivo”. O bispo (Dom Aureliano Matos) que já não se encontra entre os vivos (+1967), “revive” através do nome da instituição (Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos).

É assim que começa o “milagre da ressurreição de um morto” que, cotidianamente, “revive” através das ações e dos discursos dos seus sucessores. Ele é plantado e colhido em muitos lugares, não é apenas no nome da Faculdade (o que já seria muita coisa), é no nome das pessoas e dos lugares (como numa Oficina de automóveis), é no nome da principal Avenida de Limoeiro do Norte. Mas, a morte do Bispo (+1967) não foi o único acontecimento que provocou mudanças e inquietações na cidade. Não foi isso (apenas) que estimulou a produção de tantos dizeres. A década de 1960 foi marcada por uma série de acontecimentos (nacionais e internacionais) que os memorialistas e os depoentes relacionam com a crise dos valores locais. A ruptura da noção tradicional de tempo (que começa a se tornar mais rápido), a erosão da noção tradicional de espaço (que começa a se transformar), a crise das instituições (que começam a ganhar novos contornos), etc.

A Diocese de Limoeiro do Norte entrou em contato com os novos valores da sociedade pós-guerra, da própria Igreja (que se modificava), da televisão (que colocava a população em contato com outras culturas), dos projetos de modernização no campo, da Faculdade de Educação e do Projeto Rondon que trouxeram pessoas e costumes de fora (MACHADO, 2007).

A cidade de Limoeiro do Norte, que na época das enchentes se transformava em uma ilha e ficava (literalmente) isolada, ganhou a possibilidade (na década de 60) de acabar com esse isolamento. O Presidente da Ditadura Civil-Militar (General Castelo Branco) foi, pessoalmente, inaugurar a Ponte sobre o Rio Jaguaribe (1965). Foi dentro desse contexto, num período de transição da Igreja, pós Concílio Vaticano II, que a Igreja local perdeu os seus dois principais

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

expoentes, Monsenhor Otávio de Alencar Santiago e o Bispo Dom Aureliano Matos. Por coincidência, ou não, a cidade e a região passava por intensas transformações, a cera de carnaúba não possuía mais o mesmo poder econômico, os coronéis tradicionais já não tinham a mesma atuação política e as escolas particulares já não funcionavam mais como internatos. Foi nesta (ou por causa desta) ocasião que os dizeres surgiram: para não permitir a passagem do passado, para não deixar o “morto” morrer.

É por isso que montaram-se tantos “ateliês” (de dizeres e de saberes), a arte (com sua força de criação) é capaz de usar os vivos para “alimentar os mortos” ou de “ressuscitar os mortos” para alimentar os interesses dos vivos. O que chamamos de memória, de poética, de estética ou de arte não é (apenas) a fruição dos sentidos, é uma maneira de construir “lugares de memória” que são marcados por uma mistura de saudade (já que relembram um tempo e um espaço que já não existe mais – em sua totalidade) e de revolta (principalmente daqueles que responsabilizam as mudanças pela destruição dos “tesouros” do passado). Os dizeres, nesse sentido, são uma forma de não recalcar a saudade, de não calar a revolta e de construir/inventar um passado (através do presente) e um presente (através do passado).

A ponte, portanto, não é apenas a ponte que foi inaugurada por Castelo Branco, é a ponte entre passado, presente e futuro, uma ponte em forma de metáfora que ao invés de destruir o Limoeiro de Dom Aureliano, constrói/inventa o “Limoeiro D’Antanho” (CASTELO BRANCO, 1997). Quando a Faculdade recebeu o nome de Dom Aureliano Matos, por exemplo, surgiu uma ponte entre as “ordens do tempo” (Hartog, 2013). Foi através dessa ponte que o bispo “deixou a necrópole” para “ganhar as ruas da cidade”. Foi através desse “portal” que ele “ressuscitou” e “manteve-se vivo”, com nomes, corpo e rosto.

A metáfora, do morto que se mantém vivo, só ganha sentido quando é agenciada pelos dizeres da memória. É por isso que a pintora Márcia Maia Mendonça (VITAL; MENDONÇA, 2007) foi convidada pela FAFIDAM para construir a imagem (quadro oficial) de Dom Aureliano Matos (1970). Mas, não bastava fazer uma pintura do bispo, era necessário colocá-lo em um espaço estratégico, onde as pessoas da faculdade pudessem vê-lo, como se o próprio Dom Aureliano Matos olhasse no olho das pessoas que olhavam pra ele. Não bastava ter uma pintura ou colocá-la em um lugar estratégico, era preciso ter um corpo. A escultora Márcia Mendonça, que havia construído a escultura da Deusa Olímpica, por ocasião das Olimpíadas Estudantis Jaguaribanas (1969), foi convidada para fazer a estátua de Dom Aureliano Matos (1980) (VITAL; MENDONÇA, 2007).

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

Mas, não bastava fazer um corpo, era preciso expor em um lugar estratégico.

A estátua do bispo foi colocada na Avenida Central de Limoeiro do Norte, perto da igreja Matriz e das ruas mais antigas da cidade, como se o bispo vigiasse a Avenida que ganhou seu nome (Avenida Dom Aureliano Matos). Mas, o bispo não saiu da Igreja, de Itapipoca (CE), onde foi sepultado, para vigiar a cidade onde ele morou por vinte e sete anos. Foram os vivos, através dos seus dizeres, que criaram essa sensação de presentificação do passado. O ato de (re)nomear, de pintar ou de esculpir projetou a imagem do bispo no tempo, criando uma espécie de “ponte” entre passado, presente e futuro.

A outra ponte foi construída na década de 90 (do século XX) e tem como foco o centenário da cidade. Foi nesta (ou por causa desta) ocasião que os memorialistas criaram uma série de dizeres através de livros, vídeos, gincanas, hinos e bandeiras. As Escolas da cidade realizaram atividades festivas (principalmente as particulares – antigos internatos – que na década de 90 eram dirigidas por memorialistas). Foi nesse contexto que o Governador do Estado (Tasso Jereissati), através de projeto do então Secretário de Ciência e Tecnologia Deputado Ariosto Holanda, inaugurou o Centro de Educação Tecnológica (CENTEC - 1997). O Núcleo de Informação Tecnológica (1997), que ajudou a criar uma série de dizeres, fazia parte do CENTEC.

Essa grande mobilização política em torno da memória, que aconteceu por ocasião do centenário, foi fundamental para a criação da Academia Limoeirense de Letras (2000). Essas duas instituições, NIT e ALL, se transformaram em espaços privilegiados da produção/circulação de saberes/dizeres sobre Limoeiro do Norte e Dom Aureliano Matos. O principal objetivo da ALL era “congregar expoentes da literatura, cultuando e o cultivando a língua e literatura nacionais, enfatizando nossa região e, em especial, o município sede”.

Foi através da ALL e do Deputado Federal Ariosto Holanda que os memorialistas lançaram e relançaram livros, foi através do NIT que pintores fizeram exposições, foi através dessas duas instituições que surgiram letras e cores que ajudaram a “transportar” padres, bispos, coronéis, carnaúbas, cataventos e rios para o século XXI. O exemplo mais concreto dessa parceria foi o curta-metragem de animação “A Princesa do Vale”, produzido no NIT (entre abril e agosto de 2005), por alunos do Curso Profissionalizante de Desenho e Animação, da Associação Mundo Animado das Artes (AMANDA). A Diretora Luíza Falcão, que escreveu o roteiro em forma de cordel, contou com a colaboração das memórias de Irajá Pinheiro (com quem fez uma pesquisa no período de pré-produção do filme). Mas, ela também leu o livro “Limoeiro em Fotos e Fatos”, de Maria das Dores

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

Vidal Freitas (1997).

O filme “A Princesa do Vale” se propõe (pelo menos inicialmente) a fazer uma homenagem aos índios Paiacus e Janduins. Mas, a maior parte da animação tem como destaque a mitologia da “Princesa do Vale”. O filme coloca em evidência as paisagens do Rio Jaguaribe, a beleza dos carnaubais, a demarcação das sesmarias, a atuação dos padres e fazendeiros (fazenda Limoeiro), a criação da paróquia, a formação do povoado, a criação da vila e da cidade, a passagem de Lampião por Limoeiro, a chegada da Diocese e de Dom Aureliano Matos, a Faculdade, o Seminário, o NIT, etc. Esse universo simbólico, que foi construído desde a década de 60 (do século XX), é arregimentado na produção do audiovisual. A História da Diocese e de Dom Aureliano Matos, principalmente em suas versões das décadas de 1940 e 1950, foi alimentada/produzida/inventada por memorialistas, poetas e outros artistas que construíram uma idealização da cidade, da igreja e do bispo.

Essa produção discursiva está nas páginas de Antônio Nunes Malveira (incluindo a transcrição das Cartas Pastorais do Bispo Dom Aureliano Matos), de Antônio Pergentino, de Irajá Pinheiro, de Dom Pompeu Bezerra Bessa, de Padre João Olímpio; de Padre Francisco de Assis Pitombeira, de Maria das Dores Vidal. Mas, também surge da música de Eugênio Leandro, da poesia de Luciano Maia, das pinturas e esculturas de Márcia Mendonça, das comemorações que foram organizadas para o centenário, das atividades culturais do Núcleo de Informação Tecnológica e da Academia Limoeirense de Letras. Através dos livros, dos quadros, das fitas VHS ou dos DVDs, das fitas K7 ou dos CDs, das próprias instituições (arquivos) ou das ruas da cidade (esculturas e arquiteturas) é possível perceber a segmentação de uma identidade que tem como base a natureza, a ideia de um paraíso natural e sagrado.

Essa identidade é uma mistura de saudade (já que relembram um tempo e um espaço que já não existe mais – em sua totalidade) e de revolta (principalmente daqueles que responsabilizam as mudanças pela destruição dos “tesouros” do passado). Os dizeres, nesse sentido, são uma forma de não recalcar a saudade, de não calar a revolta e de construir/inventar um passado (através do presente) e um presente (através do passado). O bispo Dom Aureliano Matos passou por transformações na década de 1960, o município de Limoeiro do Norte passou por modificações nas quatro últimas décadas do século XX e na primeira do século XXI. Mas, a produção das memórias petrificam a imagem de um Dom Aureliano Matos e de um Limoeiro do Norte que tem como base, principalmente, as décadas de 1940 e 1950. As metamorfoses do bispo e do município não são acompanhadas pela fossilização das memórias oficiais.

Autor: José Wellington de Oliveira Machado. Mestrando em História – UFC. Bolsista da FUNCAP. E-mail: wellingtonpet@gmail.com). Eixo Temático: História, Memória e Oralidade.

O bispo Dom Aureliano Matos, assim como Limoeiro do Norte, é palimpséstico e calidoscópico, não pode ser representado por um retrato oficial ou por um espelho que reflete a sua imagem, nem mesmo por um conjunto de retratos e de espelhos que, organizados em ordem cronológica, formariam um compêndio de “fisiognomia” individual e/ou coletiva. A cidade é muito mais plural do que essa ilusão identitária, ele é muito mais complexo do que essa “ilusão biográfica”, eles (bispo e município) são como miríades de pedaços de vidros coloridos que formam desenhos que podem ser modificados de acordo com a oscilação dos caleidoscópios.

Fontes:

- Histórico da Academia Limoeirense de Letras - ALL
- MATOS, Dom Aureliano. Cartas Pastorais de 1940, 1941, 1943 e 1965. In: MALVEIRA, Antônio Nunes. O Limoeiro de Dom Aureliano Matos, 1998.
- TÁRSIO, Pinheiro. Introdução. In: PINHEIRO, Francisco Irajá. O Menino da Ilha. Fortaleza: Assembléia Legislativa do Ceará, 1997.
- VITAL, Marcise Mendonça e MENDONÇA, Francisca Maia. A arte em dois Mundos. Recife. EDUFRPE, 2007.

Referências Bibliográficas:

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Violar Memórias e Gestar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”*. In: _____. (org). História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.
- Berstein, Serge. A cultura política. In: Para uma história Cultural. Lisboa, Estampa, 1998.
- Berstein, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: Azevedo, Cecília. Cultura política, memória e historiografia. Rio de Janeiro, FGV, 2009.
- HARTOG, François. Introdução – Ordens do Tempo, Regimes de Historicidade. IN.: _____. Regimes de Historicidade. Presentismo e experiências do tempo. Editora Autêntica, Coleção História e Historiografia. 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: para uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2004.
- MACHADO, José Wellington de Oliveira. *“Começou a surgir como uma flor”: O discurso das elites de Limoeiro do Norte e a Invenção da “Princesa do Vale” - 1930 a 1980*. Monografia de Graduação em História, FAFIDAM/UECE, Limoeiro do Norte, 2007.
- MACHADO, José Wellington de Oliveira. Entre Fronteiras de Dois Rios: A Ilha Pátria de Limoeiro. In.: CHAVES, José Olivenor Souza Chaves. Vale do Jaguaribe Autos do Passado. 1ed.Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010.
- MACHADO, José Wellington de Oliveira. . Limoeiro do Norte: Arquiteturas de uma "cidade princesa". In: CHAVES, José Olivenor Souza. (Org.). Vale do Jaguaribe: Histórias e Culturas. 1ed.Fortaleza (CE): LUX PRINT OFF SET, 2008.